

EDUCAÇÃO EM TEMPOS

DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

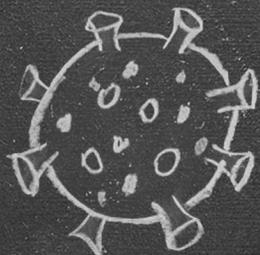
PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO: PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Karina de Araújo Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas / Organizadora Karina de Araújo Dias. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-716-1
DOI 10.22533/at.ed.161210801

1. Educação. 2. Pandemia. 3. Isolamento. I. Dias, Karina de Araújo (Organizadora). II. Título.
CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de trabalhos intitulada, “Educação em Tempos de Pandemia e Isolamento: Propostas e Práticas” vêm consolidar a relevância da reflexão sobre as práticas pedagógicas e proposituras em torno da educação no contexto da pandemia da COVID – 19. Em razão das medidas de isolamento social, como uma das estratégias para minimizar o contágio e que culminaram com o fechamento das instituições de ensino, os processos educativos sofreram transformações de cunho metodológico e logístico de modo a atender as novas demandas do ensino não presencial. Nesse sentido, as aulas remotas, o ensino híbrido, a educação a distância, o uso das plataformas digitais e demais ferramentas tecnológicas tomaram à frente, traduzindo novos modos de ensinar e aprender.

Nesse volume, composto por três eixos e totalizando dezesseis artigos, é possível observar a capilaridade com que investigações com esse teor se materializam em variados âmbitos e abordagens teórico-metodológicas.

O primeiro eixo *O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19* apresenta experiências de educação a distância como alternativas aos desafios atribuídos pelo isolamento social.

Em sequência, o eixo *OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL* identifica vivências pedagógicas que colocam em tela o ensino remoto e híbrido em distintas etapas da escolarização e os desafios que essa estratégia impõe aos educadores.

Por fim, o terceiro eixo intitulado *OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS* exhibe resultados de estudos que têm, como eixo comum, a reflexão sobre as novas demandas educacionais produzidas pela pandemia da COVID-19.

Os trabalhos que contemplam essa discussão contribuem para repensar a educação e o seu grande valor, bem como as distintas estratégias formuladas pelos educadores, em termos de propostas e práticas, de modo a promover percursos formativos inovadores, incorporando as novas tecnologias como forma de estreitar as distâncias impostas pelo isolamento social.

Cabe destacar a qualidade e a abrangência das temáticas eleitas pelos pesquisadores que compõe essa coletânea.

Desejo que apreciem a leitura.

Karina de Araújo Dias

SUMÁRIO

I. O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O PROTAGONISMO NA RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA REALIDADE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CUIABÁ-MT

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

Silvia Maria dos Santos Stering

DOI 10.22533/at.ed.1612108011

CAPÍTULO 2..... 15

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES E ALAVANCAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Jailza do Nascimento Tomaz Andrade

Michele Lins Aracaty e Silva

DOI 10.22533/at.ed.1612108012

CAPÍTULO 3..... 29

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA ERA COVID-19: POSSIBILIDADES, LIMITAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS. PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA ESCOLA DA UNIDADE DE INTERNAÇÃO DO RECANTO DAS EMAS – UNIRE – DF

Claudia Candida de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108013

CAPÍTULO 4..... 47

EDUCAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA

Ivaldo Fernandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108014

CAPÍTULO 5..... 53

FÍSICA E CULTURA CIENTÍFICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM MEIO À PANDEMIA CAUSADA PELO CORONAVÍRUS

Alencar Migliavacca

Alison Vortmann dos Santos

Camila Gasparin

Wiliam Patrick Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.1612108015

CAPÍTULO 6..... 62

(RE)PENSAR A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Margarida Alves Ferreira

Ana Raquel Rodrigues da Costa Aguiar

Joana Maria Guimarães de Oliveira

Maria de Fátima Pereira Sousa Lima Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.1612108016

CAPÍTULO 7..... 74

**A PRODUÇÃO DE DIÁRIOS DE CAMPO EM UM CURSO TÉCNICO AGROPECUÁRIO:
UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO ISD**

Valdeni Venceslau Bevenuto

DOI 10.22533/at.ed.1612108017

II. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

CAPÍTULO 8..... 90

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AULAS REMOTAS: DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA
PANDEMIA**

Camila Incau

Elaine Cristina Ferreira de Oliveira

Sirlei Aparecida dos Santos

Sandra Mara Rogeri Jacomin

DOI 10.22533/at.ed.1612108018

CAPÍTULO 9..... 99

**A INCLUSÃO DO EDUCANDO AUTISTA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO: UTOPIA
OU REALIDADE?**

Maria José Gontijo Borges

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.1612108019

CAPÍTULO 10..... 111

**ESCOLA PÚBLICA E OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: DESVELANDO DIFICULDADES DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Regina Zanella Penteadó

Eduardo Alessandro Soares

Paulo Sergio da Silva Neris

DOI 10.22533/at.ed.16121080110

CAPÍTULO 11 122

USO REMOTO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Rafael de Jesus Pinheiro Privado

Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

DOI 10.22533/at.ed.16121080111

CAPÍTULO 12..... 134

**MONITORIA REMOTA DE AUDIOLOGIA DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL
PARA CONTROLE DA PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Rebeca Mota Cabral e Silva

Carla Aparecida de Vasconcelos

Luciana Macedo de Resende

Patrícia Cotta Mancini

III. OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

CAPÍTULO 13..... 141

PRÁXIS PEDAGÓGICA E CIBERFORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPO DE COVID-19:
PERSPECTIVAS E DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICO-CIENTÍFICOS

Úrsula Cunha Anecleto
Ediluzia Pastor da Silva
Luciana Oliveira Lago

DOI 10.22533/at.ed.16121080113

CAPÍTULO 14..... 156

OS EFEITOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL EM CONTEXTO DE PANDEMIA
(COVID-19) NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA EM PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: UMA VISÃO VYGOTSKYANA

Rita Celiane Alves Feitosa
Sandra Alexandre dos Santos
Veronica Nogueira do Nascimento
Janete de Souza Bezerra
Gécica Coelho do Nascimento Oliveira
Micaele Rodrigues Feitosa Melo
Gracione Batista Carneiro Almeida
Maria Daiane de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.16121080114

CAPÍTULO 15..... 166

O COVID 19 NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOBRE
VÍRUS NUMA PERSPECTIVA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E AMBIENTE
(CTSA) A PARTIR DO CONTEXTO PANDÊMICO

Camila Oliveira Lourenço
Antonio Fernandes Nascimento Junior

DOI 10.22533/at.ed.16121080115

CAPÍTULO 16..... 174

A GESTÃO ESCOLAR EM CONFRONTO COM A MORTE E O LUTO EM TEMPOS DE
CORONAVÍRUS

Gleucimar Romana Faria
Francisco Assis de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.16121080116

SOBRE A ORGANIZADORA..... 185

ÍNDICE REMISSIVO..... 186

A INCLUSÃO DO EDUCANDO AUTISTA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO: UTOPIA OU REALIDADE?

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 11/10/2020

Maria José Gontijo Borges

Universidade de Brasília, Faculdade de
Educação
Brasília – Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/4875534359487280>

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Universidade de Brasília, Faculdade de
Educação
Brasília – Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/0676038221177239>

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa de dissertação de Mestrado, a qual ainda está em andamento. A entrada em campo objetiva analisar a constituição de laços na relação professor-educando autista sob a leitura da Psicanálise na educação. A escola é um ambiente social propício para o estabelecimento de laços. Com isso, pode-se problematizar a constituição de laços sociais na relação professor-educando autista tem-se configurado como um problema em sala de aula, inclusive em tempos de pandemia? Buscar-se-á analisar, também, as possíveis implicações que podem ser reveladas pelo docente no percurso da própria vida, com possíveis repercussões de sua constituição subjetiva na prática pedagógica. Para o estudo, realizou-se um recorte teórico à luz da psicanálise. Na investigação será utilizada a abordagem metodológica qualitativa, por meio

de análise documental, escrita da memória educativa e de entrevistas semiestruturadas.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolar. Educando autista. Ensino remoto. Psicanálise.

THE INCLUSION OF AUTISTIC LEARNERS IN TIMES OF ONLINE TEACHING: UTOPIA OR REALITY?

ABSTRACT: This paper is based on a study of a dissertation for a Master's degree, which it is still in progress. Through the process of field research, it seeks to analyze the relationship between teachers and students with autism from the psychoanalysis perspective on schooling, taking into account schools as favourable social environments for developing closer ties. Thus, it can be possible to discuss how the relationships between learners with autism and their teachers have become an issue in the classroom, let alone during the corona virus pandemic? Having said that, this paper also aims to examine potential implications that are likely to be identified by teachers along their own lives and how those implications may impact on the constitution of the subjectivity in their educational practise. In order to achieve objective pursued, a theoretical cut-off point has been made through the psychoanalysis perspective, along with the use of the qualitative research methodology as well as document analysis, reports on educational memory and semi-structured interviews.

KEYWORDS: School inclusion. Autistic learner. On-line teaching. Psychoanalysis.

1 | INTRODUÇÃO

Em virtude da situação de pandemia, com as normatizações estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e deliberações do Governo do Distrito Federal as aulas nas escolas públicas foram suspensas em março de 2020 e retomadas no formato de ensino remoto em junho do mesmo ano; com isso, muitas incertezas surgiram, assim como o medo e a preocupação que emergem nessas situações. Planos e projetos foram desfeitos e/ou reconfigurados o que suscitou muitas interrogações: como faremos? será possível fazer a pesquisa de campo? será necessária alteração na metodologia de pesquisa? E, assim, seguimos em meio ao caos, tentando produzir mesmo diante da ansiedade, da insegurança, das inquietações e de tantos questionamentos.

No momento, já temos algumas respostas; porém, muitas questões ainda precisam de mais tempo para serem respondidas e outras, talvez, poderão ficar sem resposta, uma vez que somos seres da incompletude. No entanto, temos observado o quanto os professores têm buscado à semelhança da escrita de Freire (2001, p. 259) “[...] envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer”.

No cotidiano escolar, ainda se pode perceber que o educando autista nem sempre é respeitado ou reconhecido em suas peculiaridades de acordo com o seu modo distinto de ver e compreender o mundo. No entanto, reconhecemos que a escola para além de um ambiente ideal e indispensável para a promoção de aprendizagens, também, é uma instituição muito propícia para os relacionamentos humanos, o que nos permite interrogar: a constituição de laços na relação professor-educando autista tem-se configurado como um problema em sala de aula?

Entretanto, considerando a atual situação de pandemia, podemos acrescentar um elemento a mais nesse questionamento, uma vez que a experiência educacional escolar foi alterada em decorrência da necessidade do isolamento social implementando o ensino remoto. Sendo assim, reinscreve-se a questão problematizadora: a constituição de laços sociais na relação professor-educando autista tem-se configurado como um problema em sala de aula virtual?

Em se tratando de tempos de pandemia, com o distanciamento social, em que há apenas o contato virtual e um contato que, por vezes, no caso dessas crianças resume-se ao contato apenas com os pais, e não com elas, pode-se questionar: como está sendo o enlaçamento educativo? e a interação entre professor e educando autista? o que tem favorecido e o que tem dificultado esse enlaçamento educativo? Atravessada pelo desejo de encontrar possíveis respostas, a entrada em campo objetiva, portanto, analisar a constituição de laços na relação professor-educando autista na modalidade de ensino remoto, determinada pelo contexto social de pandemia, referenciada pelo aporte teórico da psicanálise na educação.

A pesquisa será realizada na abordagem metodológica qualitativa, por meio de análise documental, escrita da memória educativa e entrevistas semiestruturadas. Assim, analisaremos as possíveis implicações que podem ser reveladas pelo docente, no percurso da própria vida, que possam emergir em sua constituição subjetiva com repercussões em sua prática pedagógica.

Em nosso estudo, abordamos um tema complexo e controverso, o qual tem sido bastante divulgado e muito comentado nos últimos tempos. Nesse sentido, diversos são os movimentos e as organizações que têm buscado defender os direitos da pessoa autista e a sua inclusão em vários âmbitos da sociedade. A complexidade é percebida, inicialmente, pelo estabelecimento de datas específicas, como o Dia Mundial do Autismo (2 de abril) e o Dia do Orgulho Autista (18 de junho), em que ambos têm por finalidade difundir informações e sensibilizar a sociedade sobre o autismo, na perspectiva de minimizar as situações de discriminação e preconceito que perpassam a vida das crianças, dos jovens e dos adultos diagnosticados com o transtorno do espectro autista e que se apresenta, também, no processo educativo escolar.

O Dia Mundial de Conscientização do Autismo foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2007, com o propósito de conscientizar a sociedade sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O Dia do Orgulho Autista teve seu início em 2005, a partir da iniciativa da comunidade autista, objetivando a aceitação e o respeito ao invés da compaixão e do sentimento de pesar para com essas pessoas, tendo-as como incapazes.

Assim como nas datas, percebe-se outra controvérsia quanto ao símbolo do autismo, uma vez que se pode identificar a existência de três: a cor azul (pela incidência maior em meninos), uma fita de peças coloridas de quebra-cabeças (considerando sua complexidade, mistério e a diversidade de pessoas que convivem com o transtorno) e o símbolo do infinito (que faz referência, no TEA, à singularidade e que o autismo não se trata de uma doença).

Numa abordagem a partir de leituras referenciadas na psicanálise, pode-se assinalar que os quadros do espectro autista se apresentam com maior ou menor abertura ao outro. O autismo nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner (1943) diz respeito ao “fechamento autístico extremo”, enquanto a Psicopatia Autística delineada pelo pediatra Hans Asperger (1943), também conhecida como Síndrome de Asperger, refere-se aos quadros com maior abertura ao outro, ou seja, ao semelhante, aqueles ditos de autismo de alto funcionamento. No contexto escolar, já tivemos a oportunidade de acompanhar crianças que se deslocaram dentro do espectro, fazendo o percurso para maior abertura a partir do estabelecimento de laços e das interações sociais desencadeadas nesse ambiente. Quanto mais o estudante estiver “enlaçado” com o professor e com seus pares, mais desejará estar na escola, bem como permanecer e envolver-se nas atividades propostas.

Com relação ao conceito de laço social, Rahme (2014, p. 45-46) assevera: “[...] laço

social, a partir do referencial psicanalítico, pode ser considerado como aquilo que torna possível o reconhecimento do outro como um semelhante, permitindo uma convivência possível”.

2 I INCLUSÃO ESCOLAR E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Considerando a atual realidade enfrentada, diante de algo que saiu de controle, em esfera mundial, de repente vimo-nos em meio a uma pandemia devido à variação do Coronavírus, surgindo, assim, uma nova e trágica doença, a covid-19, que atinge a qualquer um, pois não faz distinção de idade, gênero, raça, credo, cultura, continente, nível social ou econômico, com isso toda a humanidade foi afetada.

Devido a essa situação, pensando na saúde da população, em decorrência dessa nova doença, que é altamente contagiosa, houve a necessidade de distanciamento social. Dessa forma, diversos estabelecimentos e instituições sociais foram fechados, dentre eles, as escolas.

Com isso, foi necessário pensar em estratégias para possibilitar o ensino de forma remota, com a intenção de se minimizarem as perdas para o processo educativo escolar. Mesmo com alguns esforços por parte dos profissionais da educação e da sociedade em geral com vistas a atender minimamente a todos os estudantes, desde a educação infantil ao ensino superior, há muitos que, em virtude da falta de recursos e de tecnologias disponíveis, são ainda mais excluídos e deixados à margem nesse novo formato de ensino, o que faz com que, na prática, a exclusão seja mais intensificada. Isso ocorre, inclusive, porque as providências que seriam tomadas por parte do governo com relação ao acesso à internet a todos os estudantes e professores não saíram do discurso, muitos estão excluídos digitalmente neste momento. Acrescenta-se, assim, afirmação de Mills (1982a, p. 18) que ainda hoje se faz atual: “Nossa época é uma época de inquietação e indiferença – ainda não formuladas de modo a permitir que sobre elas se exerçam a razão e a sensibilidade”. Com isso, pode-se levantar uma questão pública, em virtude da sua relevância estrutural: a inclusão escolar em tempos de pandemia tem ocorrido para o educando autista?

Conforme Mills (1982a), as questões políticas e econômicas interferem em todas as esferas da sociedade. Deste modo, necessitam ser consideradas em busca de solução para os problemas estruturais, os quais precisam ser enfrentados e sanados. Caso não mude esse quadro caótico, os excluídos serão ainda mais excluídos nesse período de pandemia.

A partir do início do ensino remoto, na prática cotidiana, pôde-se deparar com inúmeras dificuldades, as quais foram reveladas entre os atores da educação pública, pois nem todos os alunos estão tendo condições de acompanhar as aulas, uma vez que dependem de acesso à internet, de recursos tecnológicos e, também, de um local adequado em casa para estudar. Com relação às crianças, ainda há mais um agravante, pois nem

todas as famílias têm condições de acompanhar e de dar suporte para as atividades pedagógicas. E o que dizer dos estudantes com deficiência?

A Educação Especial, no Brasil, está regulamentada por diversas legislações que visam à garantia dos direitos das pessoas com deficiência. A Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, com o propósito de universalizar o acesso à educação e promover a equidade, no artigo 3º, estabelece:

As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar **medidas que garantem a igualdade de acesso à educação** aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo. (UNESCO, 1990, art. 3, item 5, grifo nosso).

Diante das situações de normalidade, muitos já eram os entraves para se efetivar o que está posto em lei como direito para as pessoas autistas. Diante do atual contexto, pode-se indagar: como tem sido a garantia de igualdade e de acesso à educação do estudante autista em tempos de ensino remoto?

Ressaltamos a Base Nacional Comum Curricular (2018), quando em seu papel basilar:

explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a **igualdade** educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica, sem o que o direito de aprender não se concretiza. (BRASIL, 2018, p.15, grifo do autor).

Em se tratando de educando com deficiência, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 16) ainda sinaliza: “Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular [...]”. No percurso histórico, nota-se o quanto a pessoa com deficiência ou com alguma “diferença” foi capturada pela exclusão tanto cultural, quanto socialmente, no enfrentamento da discriminação, do suprimimento dos seus direitos e da segregação, mesmo estando inserida em um espaço social.

Nossa legislação é categórica ao afirmar que essa criança tem o direito de estar na escola; em contrapartida, o professor tem o dever de acolher. Nesse sentido, é interessante pensarmos que para tornar-se aluno a matrícula ou a frequência na escola são insuficientes. A esse respeito, Vasques (2007) diz:

Quando “nasce” o aluno? Nasce antes de estar na escola, nasce no discurso dos professores, nasce nas antecipações que fazemos. Nasce nas formações, no que se escuta, imagina e fala destas crianças! Ser aluno decorre também de uma filiação simbólica por parte da escola e dos professores, ato capaz de construir e sustentar o lugar desta criança como **um dos nossos!** (VASQUES, 2007, p.33, grifos da autora).

A escola é um espaço para a produção de conhecimentos e propício ao estabelecimento de laços; desse modo, mesmo em tempos de pandemia com o ensino remoto, para que as crianças saiam de um “fechamento autístico”, é preciso que exista essa relação com o outro, possibilitando, assim, mesmo diante de tantos entraves e do distanciamento, que haja o mínimo de enlaçamento educativo. A esse respeito, Hoyer (2018) destaca que:

Isso implica afirmar que cada criança autista encontrará ou não alguma possibilidade de “criar” algum tipo de laço, alguma alternativa inclusiva da melhor forma que lhe for possível, que lhe permita frequentar o coletivo e vir a ter uma convivência suportável frente à do Outro. (HOYER, 2018, p. 354).

No cotidiano escolar, depara-se com crianças autistas que, por vezes, não apresentam uma interação mínima com aqueles que se encontram no mesmo espaço social que ela; sendo assim, nessas situações, observa-se a ausência de endereçamento ao outro, digo, de reconhecimento do outro, de alteridade. Nota-se, assim, que esse “fechamento autístico” interfere diretamente na tomada de posição do sujeito no laço social, pois com isso não ocorrem as trocas necessárias, as quais são tão relevantes e imprescindíveis para a construção de saberes, bem como para a constituição de laços.

Considerando que a inclusão não depende apenas do acesso do educando à escola, Salgado (2012) sinaliza:

Pensar a escolarização de crianças autistas e psicóticas não é tarefa fácil. A inclusão dessas crianças na escola regular requer não só uma matrícula garantida em lei, mas um lugar de aluno, o que implica em a escola estar disposta a repensar suas práticas e dialogar com outras áreas do conhecimento. (SALGADO, 2012, p. 80).

Diante dessa premissa e num contexto de pandemia, evidencia-se ainda mais a importância de que esse educando seja colocado em seu lugar, que participe ativamente do processo educativo escolar. Com isso, torna-se imprescindível que o professor aprenda “a usar a experiência de sua vida no seu trabalho continuamente” (MILLS, 1982b, p. 212).

No contexto escolar, mediante o ato educativo, o qual possibilita que o professor se volte para o sujeito-educando e não para o treinamento de uma criança, há algo dispar que sempre pode ser feito; igualmente, pode-se afirmar que se em tempos de normalidade já havia muita relevância quanto à necessidade de se fazer algo diferente, em tempos de pandemia, com o ensino remoto, os professores têm buscado ressignificar, ou seja, reinventar os modos de ensinar, tornando-os mais dinâmicos, criativos e inovadores. Com isso, faz-se necessária uma “[...] análise crítica de sua prática” (FREIRE, 2001, p. 260). Os professores, mesmo diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia, têm procurado fazer da melhor maneira possível a parte que lhes corresponde, ainda que sem o amparo e o suporte devido.

Ao mencionar as habilidades do artesão que modela e transforma o barro, não

simplesmente como um meio de sobrevivência, “mas também de fazer cultura, de fazer arte” (FREIRE, 2001, p. 261), pode-se ponderar o quanto os educadores, neste período de covid-19, têm feito cultura, assim como arte. Muitas são as suas reinvenções por meio das produções de vídeos, encenações, dramatizações e contações de histórias para dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem para melhor capturar e envolver o educando, assim como a busca pelo enlaçamento educativo, mesmo que virtuais, e a inclusão do educando autista, ainda que seja por meio de uma tela de celular, de computador ou de televisão que os separa.

3 | DISPOSITIVO DE PESQUISA: MEMÓRIA EDUCATIVA

Em se tratando dessa dicotomia lembrar/esquecer e partindo das premissas de que não há psíquico sem memória e de que “fazer memória é traçar a linha da continuidade do passado ao presente”, conforme destacado por Ocariz *et al.* (2014, p. 161), pensamos que a escrita da memória educativa do professor como dispositivo de pesquisa permite melhor compreender sua constituição subjetiva. Nesse sentido, recuperar uma história que o sustente no presente e que lhe permita um olhar que vislumbre possibilidades para o futuro.

Conforme pontua Costa (2011, p. 28): “Na fase adulta, o infantil continua ativo inconscientemente, influenciando na forma de amar, de se relacionar com o próximo, de lidar com o não afeto e de trabalhar no exercício de sua profissão”. Diferentemente da infância que se refere a um tempo, ou seja, período cronológico, o infantil é atemporal. Importante destacar que em psicanálise, a expressão “infantil” refere-se ao que permanece na vida psíquica do adulto e não precisamente à infância. Conforme assevera Anacleto (2019) para a psicanálise,

o infantil não é algo que se supera, mas justamente o que persiste na vida psíquica do adulto, essa persistência de uma legalidade considerada inferior convivendo com uma superior é atribuída a falhas na integração de um no outro, fazendo com que o inconsciente seja considerado fonte de erro. (ANACLETO, 2019, p. 162).

Almeida e Rodrigues (1998) elaboraram a proposta da memória educativa e para sua escrita os professores receberam algumas orientações, conforme seguem:

Num primeiro momento, faça uma viagem ao passado através da trajetória como estudante, de tal forma que resgate, na memória do tempo, episódios, situações, pessoas e processos dessa experiência vivida.

Em um segundo momento, regressando já dessa “viagem”, tornar-se-á possível sistematizar criticamente, as suas representações e sentimentos acerca de sua experiência como aluno, compreender/mapear as relações educativas vivenciadas na história pessoal-escolar, identificando algumas questões psicopedagógicas emergentes, que, se por um lado permearam

o seu passado como aluno, produzindo resultados na qualidade de sujeito-aprendiz, por outro lado permeiam/integram também a sua prática docente atual. (ALMEIDA; RODRIGUES, 1998, p. 12).

Para melhor elucidar e orientar essa proposta de escrita da memória educativa, as autoras apresentaram um roteiro aos participantes, também utilizado por nós, que se apresenta como uma espiral das interações com o mundo escolar no qual se desenvolveu o processo formal de ensino-aprendizagem, conforme mostra a figura que se segue:



Figura 1 – Espiral da Memória

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Almeida e Rodrigues (1998, p. 16).

Por meio da Espiral, o professor elabora seus escritos a partir dos seguintes eixos norteadores:

1. Ingresso na instituição Escola como aluno.
2. A conquista da leitura e da escrita no mundo escolar.
3. As experiências escolares no Ensino Fundamental.
4. O processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio.
5. A opção por um curso e o ingresso na Universidade.
6. O regresso à escola no papel de professor.
7. A experiência escolar na “pele” de professor.
8. Ser/Saber fazer.

Nessa perspectiva, compreendemos que a escrita da memória educativa pode possibilitar que o docente revise suas experiências nesse percurso de constituição de

sujeito-aluno e sujeito-professor, ou seja, seu passado e suas experiências acadêmicas e profissionais, às quais poderão repercutir no processo de enlaçamento educativo com o educando autista, fortalecendo e/ou fragilizando os laços sociais, ao mesmo tempo em que permitirá ressignificar sua prática pedagógica. Nesse sentido poderá, também, rememorar suas próprias faltas e/ou angústias para que possa traçar uma possível identificação: professor-educando autista.

Para Squarisi (2017, p. 41), “Pensar o lugar da memória educativa é necessário a partir do reconhecimento da escrita como cerne do sujeito, constitutiva de prenúncios que nos enunciam e remetem ao que somos”. Cabe reafirmar que, no aporte psicanalítico, quando se lança mão do registro da memória educativa, ela não é utilizada como um instrumento ou técnica, mas como um dispositivo por meio do qual ocorre uma enunciação mínima do sujeito, ou seja, o inconsciente comparece.

É importante destacar que, após a escrita da memória educativa, conforme pontuado por Almeida e Bittencourt (2018, p. 8), “[...] entrevistas abertas têm também sido utilizadas à semelhança da ‘escuta sensível e atenção flutuante’ de inspiração psicanalítica [...]”. consideramos que os restos, ou seja, o que ficou do período em que o professor esteve no lugar de aluno é muito significativo no contexto atual, pois as fantasias inconscientes, seus rastros da infância, o posicionamento do professor frente ao desejo do outro podem estar diretamente imbricados na relação com o educando.

Mesmo sendo um objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento humano, na Psicanálise a memória ocupa um lugar *princeps*. Freud, em sua autoanálise, registrava as associações que lhe sobrevinham. Desse modo, ele pôde confirmar o lugar da infância na constituição do psíquico, conforme registros em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* ([1900]1996). Almeida e Bittencourt (2018) sinalizam:

A escrita da memória educativa como dispositivo de pesquisa possibilita uma investigação ancorada no aporte psicanalítico acerca da forma como se estrutura o sujeito professor, que começa a se constituir a partir dos primeiros contatos da criança com esse lugar simbólico do ensinar. (ALMEIDA; BITTENCOURT, 2018, p. 7).

Para Almeida e Bareicha (2015), as produções elaboradas pelos sujeitos são singulares, pois apresentam marcas da impossibilidade de delimitar o que é da ordem do consciente ou do inconsciente, da incompletude do Ser. Com isso, precisa-se reconhecer que lapsos, episódios de esquecimentos poderão emergir, uma vez que a escrita carrega resquícios que atravessam a narrativa, a partir da constituição subjetiva de cada professor e do lugar do infantil nesse processo.

Lidar, portanto, com as memórias dos sujeitos de pesquisa, nesse percurso de investigação, traz a oportunidade de reconhecer alguns vínculos com a história de vida do sujeito-professor, mediante as marcas que permeiam sua constituição subjetiva.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar refere-se aos direitos que todos têm de ter acesso à educação com igualdade, equidade e respeito às diferenças. É garantida a permanência do educando, também, por diversos marcos legais e pelas políticas públicas, independentemente das especificidades e particularidades de cada pessoa. Dessa forma, tanto em tempos de atendimento presencial na escola, quanto em tempos de pandemia, quando o isolamento social determina o afastamento escolar como uma das medidas mais importantes de controle do contágio e proliferação do Coronavírus, seus direitos precisam ser assegurados para que tenham acesso e garantia de permanência na escola virtual.

No cotidiano escolar, a criança autista se depara com situações que podem interferir no estabelecimento de laços, tanto em relação ao professor quanto aos seus pares. Com isso, ainda que mantendo apenas contatos virtuais, será importante o envolvimento do professor para a constituição do enlaçamento educativo ao se pensar em inclusão escolar.

Diante de uma realidade caótica em decorrência da pandemia, bem como das reais necessidades e suportes que precisam ser supridos pelas lideranças governamentais, destacamos a relevância da atuação do professor, o que não significa lançar mão de um método, de uma abordagem específica de trabalho, mas ousar nas possibilidades de construção de novos conhecimentos que permeiem o desenvolvimento e relacionamentos dos educandos. Para isso, os docentes devem ser amparados por práticas pedagógicas intencionais, significativas, qualitativas, contextualizadas e articuladas às especificidades, singularidades e demandas necessárias, de modo a ampliar as alternativas para ressignificar-se e reposicionar-se na relação com os educandos autistas em tempos de ensino remoto e na constituição de laços virtuais com vistas à inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. M. M. Z. P.; BAREICHA, P. S. A. Da escrita à inscrição: o lugar do infantil na constituição subjetiva do professor. *In: CONGRES INTERNATIONAL PSYCHANALYSE ET EDUCATION*, 2015, Paris. **Anais** [...]. Paris, 2015.

ALMEIDA, I. M. M. Z. P.; BITTENCOURT, C. P. N. The writing of educational memories as a significant research device. *In: ATINER'S CONFERENCE PAPER SERIES*, 2018, Athens. **Anais** [...]. Athens, 2018. No: EDU2018-2496.

ALMEIDA, I. M. M. Z. P.; RODRIGUES, M. A. M. **Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática**. Módulo Comum. Programa de aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio (Pró-Ciências), Universidade Aberta do Distrito Federal, Brasília, Brasil, 1998.

ANACLETO, J. M. B. **Conhecimento e desejo de saber: de Piaget a Lacan**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

ASPERGER, H. Os “psicopatas autistas” na idade infantil (parte 1). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 314-338, jun. 2015. (Texto original de 1943).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 abr. 2020.

COSTA, S. G. **Subjetividade e Complexidade na gestão escolar**: um estudo de caso com participantes da escola de gestores 2010. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DIA Mundial de Conscientização do Autismo. **Revista Autismo**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/diamundial/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, p. 259-268, 2001.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 4 e 5. (Trabalho original publicado em 1900).

HOYER, C. O que faz o laço social? *In*: HOFFMANN, C.; CAVALHEIRO, J. C. (org.). **Livro Marcas da singularidade e da diferença**: o que as crianças e os adolescentes nos revelam. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p. 349-356.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In*: ROCHA, P. S. (org.). **Autismos**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2012. p.111-170. (Texto original publicado em 1943).

MILLS, C. W. A promessa. *In*: MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a. p. 9-32.

MILLS, C. W. Do artesanato intelectual. *In*: MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b. p. 211-243.

OCARIZ, M. C. *et al.* O trauma, a palavra e a memória na Clínica do Testemunho. **Revista Percurso**, v. 26, n. 52, p. 149-171, jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – UNESCO. **Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos**: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia: 1990. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RAHME, M. M. F. **Laço social e educação**: um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

SALGADO, A. M. Passos e impasses na inclusão escolar de crianças autistas e psicóticas: da incerteza de saber, a figura do professor e olhar do sujeito. Interfaces e especificidades da educação brasileira. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, PB, v. 20/21, n. 1/2, p. 67-87, jan./dez. 2011/2012.

SÍMBOLOS DO AUTISMO. Dicionário de Símbolos. [2020]. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-autismo/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SQUARISI, K. **O infantil na constituição da subjetividade**: o memorial educativo de professores em escrita e ação. Curitiba: CRV, 2017.

VASQUES, C. K. Um estrangeiro entre nós, Psicanálise e Educação Especial: diálogos em torno da inclusão de crianças que vivem impasses em sua constituição psíquica. **Ponto de Vista**, Florianópolis, v. 9, p. 25-36, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 21, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 44, 47, 48, 52, 54, 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 103, 105, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 124, 126, 127, 128, 131, 132, 134, 139, 142, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 182

Audiologia 134, 136, 137, 138, 139

Aulas remotas 45, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 115, 130, 164

C

Ciberformação docente 141, 143, 144, 145, 155

Comunidade escolar 3, 32, 35, 51, 90, 94, 96, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118

Covid 19 1, 122, 166, 174, 175, 176, 179, 182

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 50, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 64, 65, 67, 81, 83, 88, 90, 93, 94, 98, 108, 111, 114, 118, 119, 123, 124, 128, 129, 131, 135, 138, 145, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 180, 181

Desenvolvimento cognitivo da criança 156, 158, 160, 161

Diários de campo 74, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Distanciamento social 1, 2, 11, 30, 55, 75, 91, 100, 102, 112, 123, 134, 136, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 164, 167, 168, 180

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 182, 183, 184, 185

Educação à distância 1, 10, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 47, 134, 140

Educação básica 2, 9, 10, 15, 17, 20, 31, 35, 46, 48, 50, 90, 97, 103, 111, 113, 114, 119, 120, 130, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 171, 185

Educação online 141, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

Educando autista 99, 100, 102, 105, 107

Ensino 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 181, 185

Ensino não presencial 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 70

Ensino remoto 1, 30, 33, 35, 39, 44, 45, 46, 77, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 129, 130, 134, 135, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163

Escola 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 21, 23, 29, 32, 33, 35, 36, 38, 42, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 62, 64, 66, 67, 73, 74, 76, 77, 82, 85, 87, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 144, 147, 149, 150, 151, 153, 160, 163, 165, 169, 172, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Espaço virtual coletivo 29, 31

Experiência 22, 30, 31, 34, 40, 49, 53, 54, 62, 70, 71, 100, 104, 105, 106, 114, 124, 134, 136, 147, 149

Extensão 53, 55, 61

F

Fonoaudiologia 134, 136, 137, 138

Formação de professores e educadores 62, 63

G

Gêneros de texto 74, 77, 78, 85, 86, 87, 88

Gestão 13, 34, 40, 65, 67, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 109, 113, 118, 152, 174, 175

I

Inclusão escolar 99, 102, 108, 109

L

Luto 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

M

Mal-estar docente 111, 117, 119

Morte 126, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

P

Palestras 37, 53, 57, 59, 60

Pandemia Covid-19 111

Participação escolar 90

Plataformas digitais 29, 34, 50, 92, 93, 131, 135, 152

Prática de ensino supervisionada 62, 64, 67, 69

Práticas pedagógicas 9, 29, 39, 40, 46, 64, 103, 108, 149, 167, 169, 172

Práxis pedagógica 141, 143, 145, 148, 154

Professores 2, 3, 4, 11, 12, 15, 17, 20, 25, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 130, 136, 139, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 167, 169, 172, 179, 180, 181, 185

Programa Escola Cuiabana 1

Projeto 5, 12, 19, 20, 36, 45, 48, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 75, 136, 137, 138, 139, 146, 149, 163, 165, 183

Psicanálise 99, 100, 101, 105, 107, 110

R

Recursos educativos digitais 62, 64, 65, 71, 72, 73

Recursos tecnológicos 3, 7, 12, 34, 65, 93, 102, 114, 115, 116, 142, 166, 170, 172

T

Tecnologias 2, 9, 10, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 40, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 65, 66, 67, 71, 89, 94, 95, 97, 98, 102, 112, 122, 123, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 170, 172

TIC 16, 20, 21, 25, 123, 124, 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Trabalho docente 111, 112, 113, 116, 117, 121, 172

U

Universidade 14, 15, 20, 41, 58, 61, 72, 74, 76, 90, 98, 99, 106, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 130, 134, 141, 156, 158, 166, 167, 172, 174, 185

V

Vygotsky 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

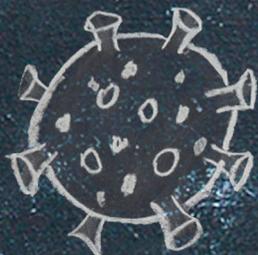
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 